

**Livro:** "Processos e produtos educacionais para o ensino e aprendizagem de línguas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica".

## **Prefácio**

Um dos problemas mais sérios que temos, a meu ver, na área do ensino de línguas é o abismo que se formou entre a teoria e a prática. De um lado, vejo um conjunto de teorias criadas e sustentadas fora da sala de aula por pesquisadores que não vivem a experiência de trabalhar diretamente com o aluno. Do outro lado, vejo a prática do professor, levado a agir na urgência e a decidir na incerteza, como já prevenia Perrenoud, e, por isso, a meu ver, mostrando que o professor é incapaz de acertar sempre nas inúmeras situações práticas que vivencia, muitas delas jamais previstas nas aulas teóricas que frequentou nos bancos da universidade. O resultado, ainda em minha percepção, é que convivemos com uma prática que ignora a teoria e uma teoria que despreza a prática.

Uma maneira de corrigir esse problema e diminuir o abismo entre teoria e prática é a criação dos mestrados profissionais e, mais recentemente, dos doutorados profissionais, fazendo um contraponto aos programas puramente acadêmicos e criando uma aproximação necessária entre teoria e prática. Enquanto, nos programas acadêmicos, o pesquisador evita sujar as mãos com a realidade da sala de aula e descarta os dados que não reforçam suas preferências teóricas, nos programas profissionais, o pesquisador junta-se ao professor e tenta partir dos dados para a teoria. Se o pesquisador acadêmico se submete fielmente à sua teoria, criando com ela uma união estável que não o deixa lançar olhos a fatos provocadores que podem ameaçar essa fidelidade, o pesquisador/professor, mergulhado em sua realidade, não vê a teoria como ponto de partida, mas como um possível complemento à experiência vivida. Onde houver um encaixe entre o que vive na prática e o que observa na teoria, poderá aceitar a união, ainda que em caráter instável, já que vê a fusão como provisória, durando apenas enquanto a teoria lhe for útil. Na pesquisa prática da sala de aula, escolhemos as teorias que servem aos dados que temos; não os dados que servem às teorias, às vezes impostas ao professor.

O resultado prático da profissionalização do mestrado e doutorado é a criação de um produto educacional. O mesmo processo reflexivo que o mestrando ou doutorando de um programa acadêmico usa para produzir uma dissertação ou tese é agora canalizado para produzir um recurso de aprendizagem, que pode ser um vídeo, uma estratégia de ensino, um pequeno banco de dados linguísticos para o professor de línguas, uma simulação produzida em um sistema de autoria, uma proposta de aula invertida, uma lista de descritores para avaliação da oralidade, uma atividade para o desenvolvimento da consciência crítica etc. A ideia fundamental é que a proposta não seja apenas fruto da reflexão e elaboração do mestrando ou doutorando, mas que envolva também aplicação em situação autêntica de sala de aula, contribuindo para que o aluno construa um determinado conhecimento. O relato detalhado do que aconteceu contribuirá depois para que o trabalho feito pelo pesquisador/professor possa ser reaproveitado, replicado e adaptado por outros professores com outros alunos, envolvendo assim tanto a experiência vivenciada como a reflexão teórica.

Pelo que percebo em minha interlocução com colegas, essa equiparação da teoria com a prática – incluindo aí a equivalência entre pesquisa e ensino, entre produção de materiais e sua aplicação em sala de aula e, em última análise, entre cursos acadêmicos e cursos profissionais – nem sempre é bem vista. A justificativa apresentada é de que se está tentando nivelar realidades que são de níveis hierárquicos diferentes, a ponto de se argumentar, por exemplo, que um mestrado acadêmico agrega um valor maior do que um mestrado profissional, como se escrever uma dissertação exigisse uma competência intelectual mais elevada do que criar um produto educacional, validar o produto em situações autênticas de aprendizagem e fazer o relato circunstanciado da experiência. Teoria e prática, que deveriam convergir para o mesmo ponto, acabam divergindo e produzindo um afastamento ainda maior, deixando de trazer para a sociedade e para a educação do país, o que seria, a meu ver, uma contribuição extremamente relevante.

Mostrar que essa fusão entre teoria e prática é desejável e possível foi o primeiro aspecto que me chamou a atenção neste livro. O segundo, de igual ou maior relevância, envolve não apenas a potencialidade do produto educacional na melhoria da aprendizagem de línguas para o aluno, mas também a ampliação

da ação pedagógica do professor, que, na era digital em que vivemos, tem a oportunidade de se expandir para além das paredes da sala de aula. Usando os recursos disponíveis na comunidade para a criação do produto educacional, o professor pode oferecer ao aluno a possibilidade de atender seus interesses e necessidades em seu próprio contexto de aprendizagem, ao mesmo tempo em que funde o local com o global, dentro e fora dos muros da escola, aspecto crucial para a aprendizagem de uma língua adicional em situações autênticas de uso. Pela primeira vez na história do ensino de línguas temos a oportunidade de oferecer ao aluno um interlocutor real com quem ele possa compartilhar seus interesses, seja um parceiro em um game multijogador, um amigo em uma rede social ou mesmo textos, músicas e vídeos que podem ser usados sob demanda em dispositivos altamente inclusivos como o smartphone.

O “Produto Educacional”, como é normalmente definido nos mestrados e doutorandos profissionais, embute a potencialidade de desembocar nos “Recursos Educacionais Digitais” e esses, por sua vez, nos “Recursos Educacionais Abertos”, de onde vislumbro um mundo de possibilidades que estamos apenas começando a explorar. Acho que vale a pena destacar algumas dessas possibilidades, como direcionamentos apontados pelo livro, que devem se concretizar nos próximos anos.

O primeiro direcionamento é a autoria do professor, com duas consequências imediatas: (1) o professor conhecerá o prazer de produzir o próprio material, tanto no momento da elaboração, ao descobrir o que ele pode criar com os recursos que lhe estão disponíveis atualmente, como também no momento da aplicação, quando vê os alunos fazerem a atividade que ele produziu; (2) o aluno se sentirá prestigiado pela dedicação do professor que deixou de usar um material pronto para preparar algo especial para eles. Para o professor, quando vê os alunos envolvidos na atividade que criou, fica a satisfação da autoria, um sentimento que deve ser semelhante ao prazer do compositor, ao ouvir a ária que ele compôs sendo interpretada pela soprano na frente da plateia, em um momento atenta e silenciosa; em outro, explodindo em aplausos.

O segundo direcionamento envolve a ideia de curadoria. Com o tempo, o professor vai criando um acervo de produtos educacionais, reunidos em uma espécie de portfólio ou repositório, constantemente atualizados e possivelmente

compartilhados com colegas. Atualmente esses repositórios podem estar hospedados na nuvem em plataformas públicas, institucionais ou mesmo individuais.

O terceiro direcionamento, e para mim o mais relevante, envolve a ideia de colaboração. A elaboração de um produto educacional pode às vezes, demandar um tempo e dedicação maiores do que dispõe o professor, levando à necessidade de uma coautoria simultânea com outros colegas ou a um processo de adaptação, uma espécie de coautoria consecutiva, em que um produto educacional já existente é modificado para melhor atender às demandas de um determinado contexto. Não podemos compactar o tempo do professor, mas estamos reduzindo drasticamente o custo do armazenamento de arquivos digitais, multiplicando o compartilhamento massivo de produtos educacionais em imensas redes de crowdsourcing e trazendo, se assim o quisermos, a colaboração em massa para a área da educação.

O livro, em minha leitura, mostra a importância do produto educacional, como elemento catalisador da pesquisa que pode levar à fusão necessária entre a prática e a pesquisa no ensino de línguas, de modo a evitar tanto a reflexão sem ação, que leva ao verbalismo, como também a ação sem reflexão, que leva ao ativismo, na concepção de Freire. Ampliamos os horizontes do que podemos fazer em um programa de pós-graduação profissional, mostrando que ele se constrói da prática para a teoria e que é preciso fazer para teorizar.

Vilson J. Leffa (UFPel/CNPq)

Dezembro de 2020.